**RESUMO PARA LEIGOS**

Victória de Oliveira Costa

**Caracterização microbiológica de estirpes com suscetibilidade reduzida à colistina relacionadas à colonização comunitária do trato gastrointestinal na região metropolitana do Rio de Janeiro.**

Orientadora: Renata Cristina Picão

Coorientador: Gabriel Taddeucci Rocha

Nossa pesquisa observou que seis entre 100 pessoas que vivem na Região Metropolitana do Rio de Janeiro possuem bactérias no intestino capazes de resistir ao antibiótico colistina. Esse estudo contou com a participação de indivíduos sem histórico de internação recente atendidos na emergência de um hospital público no município de Niterói; e que aceitaram participar do estudo com a doação de um swab retal. Após a coleta deste swab, foi investigado se as bactérias presentes ali eram capazes de crescer na presença do antibiótico colistina. Depois, cada bactéria obtida foi analisada quanto à presença de um gene chamado *mcr*, capaz de promover essa resistência. Nenhuma das amostras testadas apresentou resultados positivos neste teste; no entanto, a pesquisa destes genes apresenta limitações e, por isso, mais investigações são necessárias para saber qual mecanismo está envolvido com a resistência desses organismos. A colistina, apesar da sua toxicidade, tem grande importância para a medicina humana por ser um dos últimos recursos para tratamento de infecções por bactérias resistentes aos antibióticos de primeira escolha, aqueles mais utilizados. O impacto da presença de bactérias capazes de sobreviver mesmo em contato com este antibiótico no intestino de pessoas fora do ambiente hospitalar ainda não é muito entendido; entretanto, pode significar um risco grave em pessoas internadas. Nosso estudo chama a atenção, sobretudo, para o potencial do intestino de pessoas fora dos ambientes hospitalares, com a presença dessas bactérias resistentes, servirem como reservatórios e veículo de bactérias resistentes para as instituições de saúde.